O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2000- ANO IV - Nº 42

EDITORIAL

Teve início, oficialmente, no dia 06 de julho, a campanha de candidatos aos cargos de prefeito e vereador para o pleito de outubro próximo, que ocorrerá em mais de 5 mil cidades brasileiras.

Este período que antecede as eleições é de grande efervescência política. Os candidatos em campanha usam os mais diversos meios de comunicação – placas, panfletos, cartazes, jornais, pinturas nas encostas, que agridem o meio-ambiente, etc–, emporcalhando a cidade, poluindo a paisagem, nossos ouvidos e mentes, buscando, a qualquer preço, conquistar nosso voto. No momento existe uma grande frustração da população para com a classe política, que, ao longo dos anos veio se desgastando. Há uma crise de representatividade, de definição de papéis e credibilidade em nossos governantes. Palavras como fisiologismo, falcatruas, corrupção e incompetência, além de coligações esdrúxulas, passaram a estar associadas ao jogo político e seus personagens. No entanto, é preciso votar. A democracia só se aprimora com o voto.

Como nas eleições anteriores, reacendem-se as esperanças, tantas vezes frustradas, de que desta vez as coisas poderão mudar para melhor e nosso município sair da inércia em que se encontra há décadas mergulhado, crescendo e se desenvolvendo.

Os três meses que antecedem as eleições deverão ser usados para analisarmos os candidatos, seu trabalho comunitário, verificarmos a prática política de cada um e não votarmos em candidatos inexpressivos, inoperantes, carreiristas, ligados à corrupção ou que procuram corromper por meio de barganha de votos.

O país está mudando, os tempos são outros, vivemos um momento histórico de nossa democracia. A população vem exercitando cada vez mais a cidadania, cobrando eficiência, responsabilidade e resultados de nossos homens públicos e, quando necessário, denunciando ao Ministério Público as improbidades administrativas. Basta acompanharmos os noticiários para verificarmos o número de prefeitos e vereadores cassados.

Votar é expressar a própria cidadania, é ser construtor ativo da sociedade. Todos nós somos responsáveis pela escolha de nossos dirigentes e pelo futuro de nossa cidade.

A hora é de análise, de escolha e de consciência.

Foto arquivo Pro-Memória

Desfile de tropas, em 08 de julho de 2000, durante a 19ª Festa do Tropeiro de Piquete.

Turismo rural e resgate das tradições

Nunca as nossas roças estiveram tão em moda como nos últimos tempos. A busca por nossas tradições e raízes faz com que cada vez mais nos voltemos para a zona rural. É lá que se encontram nossas origens e nossa cultura.

A exemplo do que acontece em países europeus, que têm as pequenas cidades e sua zona rural visitadas anualmente por grande parte dos milhões de turistas que vão ao Velho Continente, as pequenas cidades de nossa região vêm descobrindo aos poucos o turismo rural. Este é um grande filão econômico, adormecido por décadas, que, se racionalmente gerenciado, é uma alternativa econômica capaz de gerar empregos, atrair o homem de volta para o campo e, principalmente, preservar e resgatar nossas tradições.

Nas últimas décadas, Piquete tem ventilado, através da imprensa, uma vontade de que as potencialidades de nossa zona rural possam ser aproveitadas, criando uma outra fonte de renda para os pequenos produtores, sem que estes precisem mudar suas atividades produtivas primárias, mas apenas adaptá-las. Dessa forma, aumentar-se-ão as divisas do município e, conseqüentemente, a sua qualidade de vida.

Todo homem urbano tem um passado no campo. Historicamente, nossa origem é rural. Assim, o turista que procura o interior quer simplicidade, contato com a natureza e muita paz, pois dessa forma poderá, por alguns dias, vivenciar a prática da vida no campo – acordar cedo, fazer ordenha, saborear um delicioso café na roça, cavalgar, andar por trilhas centenárias, tomar banhos em riachos e cachoeiras, travar contato com uma culinária rica e um artesanato diferenciado, podendo comprar os produtos da terra direto do produtor.

A hospitalidade de nossa população é outro grande fator de atração para os visitantes. Alliada a um rico patrimônio histórico de fazendas centenárias, atrai o homem que, cansado do dia-a-dia das médias e grandes cidades, vem buscar o equilíbrio nas belas paisagens serranas de nossa região.

Aos poucos Piquete vem descobrindo sua vocação para o turismo rural. Alguns empresários e proprietários vêm adaptando suas fazendas e sítios, com os olhos voltados para o turismo, a exemplo de João Carlos Marcuschi, da Fazenda Santa Lydia, Manoel Medeiros, da Fazenda Mundo Novo, Paulo César da Silva, da Estância Santa Marta, Dr. José Coura, da Pousada Vizinha da Lua e Arnaldo, da Pousada da Tabuleta. Estão no caminho certo. Com planejamento, parcerias e, principalmente, respeitando o meio-ambiente, o turismo rural poderá, num futuro não muito distante, alavancar o crescimento de nossa pequena cidade.

Sem perder de vista nosso passado histórico, econômico, social e cultural, Piquete, antiga zona de café e de tropeirismo, poderá ser exemplo de um turismo consciente e sustentável.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

Soldados Constitucionalistas do "setor de saúde", que ficaram instalados no Cine Glória, e os filhos do Sr. Benedito Elias. Foto de julho de 1932.

M.M.D.C.

Comemorou-se, no dia 09 de julho, a Revolução Constitucionalista de 32, movimento que uniu a população paulista em favor de uma nova Constituição. A gênese desse conflito foi a eleição de 1930, em que Júlio Prestes de Albuquerque, Presidente de São Paulo, fora eleito Presidente da República, mas não tomou posse devido a um golpe que derrubou o então Presidente Washington Luís, levando ao poder Getúlio Vargas. Ao estabelecer governos provisórios, Vargas substituiu os presidentes de Estado por interventores federais. O indicado para São Paulo desagradou os paulistas.

As transformações políticas resultantes da Revolução de 30 não agradavam aos paulistas, que exigiam uma Constituição para o Brasil.

Havia uma insatisfação generalizada com o governo federal. Várias manifestações populares eclodiram em São Paulo.

Na noite de 23 de maio de 1932, uma grande passeata no centro de São Paulo acabou em confronto entre os partidários do Interventor federal de São Paulo e os manifestantes que tencionavam fechar, à força, a sede do Partido de apoio ao Governo. Os adeptos de Getúlio reagiram a tiros. O saldo foram quatro jovens paulistas mortos: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. Daí a sigla MMDC.

Após o incidente, o então Presidente Getúlio Vargas convocou a nação brasileira afirmando que São Paulo queria separar-se do Brasil. Com isso, os demais Estados se voltaram contra São Paulo. Em 9 de julho eclodiu a Revolução Constitucionalista.

Sem o apoio anteriormente prometido por mineiros, gaúchos e de outros estados, São Paulo viu-se cercado, tendo que lutar sozinho. As lutas fratricidas aconteceram em vários pontos das fronteiras do Estado. Muitos paulistas derramaram seu sangue nas trincheiras de Itararé, Itapira, Vargem Grande, Cruzeiro, Itatiaia e Cunha. Para os piquetenses, a Revolução começou na segunda feira, 11 de julho, quando a população foi pega de surpresa com o desembarque, na Estação Rodrigues Alves, de uma Companhia de soldados do 6º RI de Caçapava. Por não terem aderido à Revolução, o diretor da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, Cel. Pompeu Cavalcante, e sua oficialidade, foram presos em domicílio. Assumiu o comando da Fábrica o Cel. Leal, que convocou todos os funcionários para continuarem trabalhando a serviço do movimento revolucionário.

Aos poucos foram chegando outras formações militares. Várias trincheiras foram abertas na Mantiqueira, local de inúmeras batalhas. A cidade toda se mobilizou. As famílias piquetenses logo se identificaram com a causa paulista. Muitas mulheres passaram a contribuir, costurando fardamento ou preparando alimentação no chamado "café do soldado".

As forças federais foram avançando sobre São Paulo, aumentando a pressão nas fronteiras. As cidades valeparaibanas de Lorena, Guaratinguetá e Aparecida foram bombardeadas pelo Governo Federal. As tropas constitucionalistas, numericamente inferiores e tecnicamente mal aparelhadas, foram recuando estrategicamente. Quando da retirada de Piquete, o grupo de fabricação de pólvoras da Fábrica foi desmontado e a maquinaria seguiu de trem para São Paulo, com inúmeros operários e seus familiares.

No mês de outubro, três meses após seu início, acabou o movimento. São Paulo perdeu a guerra. A vitória do governo foi apenas militar. Na realidade, venceram os paulistas, pois pouco depois, obrigado pela opinião pública, o chefe do Executivo convocou eleição para uma Assembléia Constituinte. A nova Constituição foi promulgada em 1934.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

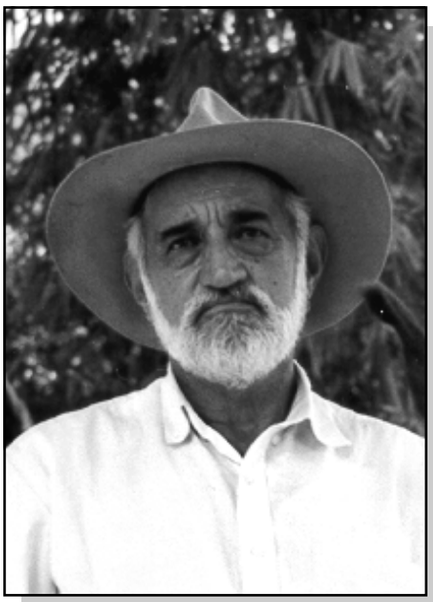
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Manuel Serafim



No mês da festa do tropeiro, o Sr. Manuel Serafim Machado se emociona. Lembra-se dos seus 7 anos, quando ganhou do avô Antônio Serafim Machado seu primeiro cavalo.

Manuel Serafim é piquetense, nascido em 28 de maio de 1929, filho de Genoveva de Marques, imigrante italiana, e Sebastião Serafim Machado, de Piquete.

De família simples, começou a trabalhar muito cedo. Seu primeiro emprego foi com o General Carneiro, diretor da Fábrica de Pólvoras, proprietário da Fazenda Benfica, no bairro homônimo. Sua função era de juntar as vacas no pasto e trazê-las para a ordenha. Como pagamento, recebia três mil réis, mais uma calça e uma camisa por mês. Era-lhe permitido, também, retirar um litro de leite por dia, para seu consumo.

Com 13 anos já trabalhava como tropeiro para o Sr. Alfredo Camarada. Sua responsabilidade era domar, alimentar e tratar uma tropa de "mais ou menos 14 burros".

Logo que terminou o serviço militar, já fazia parte do quadro de funcionários da Fábrica, onde se aposentou, em 1981.

Tem boas lembranças da passagem de tropeiros e boiadeiros por Piquete.

Com saudades, recorda-se da figura do berranteiro, que chegava à frente das boiadas que desciam periodicamente a serra. Sua chegada era sinal para que o comércio fechasse as portas e todos saíssem das ruas, para a passagem dos bois: "às vezes, em torno de 350 animais...". Guarda na memória o som dos mugidos e dos "chifres batendo um contra o outro.... é uma das coisas mais lindas do mundo...".

Viúvo, é casado em segundas núpcias com D. Maria Adélia Teixeira Machado. Têm três filhos e sete netos.

Sua vida sempre ligada à cultura tropeira. Unindo o lado místico à sua vocação, seu Manuel é o idealizador e organizador da romaria a cavalo a Aparecida do Norte. A primeira, em 1966, contava com apenas 8 cavaleiros. Hoje, esse número é bem maior: os participantes, dos quais cobra o respeito aos animais, são de Piquete, e aqui, a eles juntam-se os romeiros do Sul de Minas.

Seu Manuel, é um dos responsáveis pela organização da Cavalaria de São Benedito. Espera trabalhar para que, em 2001, aumente o número de participantes. Há vários anos faz parte também de um grupo de 50 pessoas que, a cavalo, percorrem, anualmente, as divisas da mata da IMBEL, nos picos do Focinho do Cão e do Cabrito, para fazer o hasteamento da bandeira da Fábrica.

Fala com orgulho de seu cavalo "Ouro Preto", que o acompanhou no trabalho por 25 anos. "Dei-lhe a aposentadoria..."

Além de exemplo de amor aos animais, Seu Manuel é exemplo também no tratamento com os amigos e pessoas que o procuram. Pautou sua vida no trabalho e dedicação à família e hoje luta pela continuação das tradições de nosso povo e de nossa cidade.

Manuel Serafim e sua mula, no desfile de tropas e carros-de-boi, no dia 8 de julho de 2000.

Foto Alzira Beckmann

Debates

Às vésperas das eleições municipais, a Igreja Católica se antecipou e lançou uma cartilha em que orienta o eleitor a escolher seus candidatos e combate o voto nulo. Elaborada com a participação do reitor do Santuário Nacional de Aparecida, será distribuída na arquidiocese de Aparacida e deverá ser usada em encontros religiosos nos bairros, por grupos de oração.

Nas eleições municipais de 1996, a Igreja Católica de Piquete promoveu uma série de debates com os candidatos ao cargo de prefeito, objetivando orientar a comunidade na sua escolha. A contribuição da Igreja é muito importante, pois colabora com a formação da consciência política das pessoas, a fim de que exerçam a cidadania.

Fica a sugestão de que, embasada nesta cartilha, aqui em Piquete a Igreja venha a promover novamente os debates com os seis candidatos deste ano, para que estes possam apresentar suas idéias e propostas para o desenvolvimento do município.

O Analfabeto Político

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, não participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro, que se orgulha e estufa o peito, dizendo que odeia a política.

Não sabe que de sua ignorância nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e o explorador das empresas nacionais e multinacionais.

(Berthold Brecht, 1898 – 1956)

Comunicado

1– O Cartório da 337ª Zona Eleitoral de Piquete estará de plantão aos sábados e domingos, no horário das **12h** às **18h**, no período de **08-07** a **30-09-2000**, para entrega dos títulos aos eleitores.

2 – A Urna Eletrônica se encontra à disposição no Cartório Eleitoral para treinamento dos eleitores. Venham conhecê-la.

Katia Margarido Barroso
Juíza Eleitoral

Memorial dos Moradores de Piquete - 5

Quido, o craque da vontade, em dois tempos

1º tempo

Uma apresentação

Euclides Martins de Camargo, 80 anos, nascido em Piquete a 4 de fevereiro de 1920, é um dos mais antigos, conhecidos e admirados moradores da cidade.

Filho de João Martins de Camargo e dona Cecília Maria de Jesus, teve, como irmãos, Odete e Antônio, já falecidos, e Iolanda (Landa), moradora em Lorena. Diva, outra irmã do primeiro casamento do pai, morreu ainda criança. Do segundo casamento paterno com dona Rosemira Maria da Conceição nasceram mais 5 filhos: Maria, Elza, José, Tereza e Marlene, dos quais Maria e Tereza já são falecidas.

Quido e a família são moradores da Raia desde que para lá se mudaram, vindos do Largo da Cadeia, hoje Praça 15 de junho, quando nosso entrevistado tinha apenas 4 anos. Passaram a incorporar a população residente e permanente desse bairro da cidade, nas sucessivas gerações. Quido vive ali até hoje, onde o trabalho e o empenho lhe garantiram a bela e espaçosa moradia, substitutiva da pequena casa original. Ali desfruta da companhia da filha Cecília e marido, dos netos e da presença constante de amigos, companheiros de pescaria e conversas prazerosas. A prática de esportes, a vida sadia do trabalho, os hábitos de exercícios físicos, o cultivo da horta e do pomar garantem-lhe um físico bem cuidado, a voz firme e os olhos vívidos.

Aposentado da Fábrica Presidente Vargas depois de atingir o último nível funcional e receber gratificação pelos serviços prestados aos esportes, levar a vida digna de um homem trabalhador.

O casamento

Casou-se com Judite Mota Sílvia a 27 de Julho de 1946 e com ela permaneceu por 42 anos, quando a esposa faleceu.

Gosta de lembrar os tempos felizes do casamento, o empenho, o amor e a dedicação da companheira, hoje de saudosa memória e homenagem.

Os filhos em número de seis: Luiz Carlos Sílvia de Camargo, Euclides Martins de Camargo Filho, Cecília Maria Sílvia Camargo, Maria Auxiliadora Sílvia de Camargo, Gabriel da Sílvia Camargo e Ivan da Sílvia Camargo trouxeram-lhe a alegria da vida familiar, acrescida de 17 netos.

Uma bisneta, Ramona, teve vida curta. Faleceu muito criança, aos quatro anos, desabrochando para a vida.

Quido na memória da Raia

"Raia querida, falar de tua nobreza, tua fidalguia, é desnecessário! Tu sempre foste e sempre serás aquela que possui o poder e o charme para envolver a todos que a cerquem", são palavras do emocionado morador do bairro.

No dizer dele, a "estrutura urbana da Raia era composta de aproximadamente 25 residências, em sua maioria construídas de pau-a-pique e cobertas de sapé".

Afirma ainda ele que o importante sempre foi "a união e o espírito de solidariedade por todos, que, de mãos dadas se anelavam em torno dos mesmos desejos e falavam a mesma língua". Completa dizendo que de comércio nada havia, "nem sequer botequim". Gosta muito de lembrar que os quintais possuíam árvores frondosas e frutíferas e hortas para suprir as necessidades familiares.

Segundo Quido, "ruas não existiam, somente estreitos caminhos contornados por capoeiras e espinhadeiros de caraguatá. Um frondoso bambual completava a harmonia de tudo o que era belo, e hoje são só saudades".

As festas, antecipadas pelos terços religiosos, tinham na seqüência "os bailinhos ao ar livre e a tradicional dança do jongo, com horário para iniciar, mas não para terminar". Tudo isso acompanhado de farta distribuição de doces, canelinha, quentão, batata-doce e mandioca assadas acompanhadas de melado. As fogueiras e o pau de sebo garantiam os folguedos de crianças e adultos. Quido está, assim, relembrando as festas juninas.

Gosta de frisar que está se referindo à década de 20 deste nosso século XX, acrescentando que, se hoje a Raia se apresenta coroada de pleno progresso, este se deve ao empenho dos moradores do passado, aos quais devemos reverenciar agradecidos. Não deixa de homenagear o trabalho de Armando de Castro Ferreira na instalação da rede de água, trabalho que se mostra eficiente até hoje. Vai se lembrando das melhorias na vida dos habitantes da Raia, do arruamento, da distribuição de energia elétrica e das obras de saneamento.

Quido, ao referir-se ao seu bairro de moradia, pelo qual dedica afeição total, remete-nos à história de Piquete e à evolução dos serviços urbanos na cidade, responsáveis pela transformação da Raia em lugar privilegiado de investimentos imobiliários nos dias de hoje. **Dóli de Castro Ferreira**

"Estação das Artes"

O jornal ValeParaibano, de 28 de maio de 2000, traz como manchete de sua página 10, a matéria "Velhas Estações trocam trem pela cultura", na qual mostra que Prefeituras do Vale do Paraíba estão querendo comprar os prédios das estações ferroviárias que estão abandonadas, para transformá-las em áreas culturais. Na região, há várias estações em ruínas, como a de Cachoeira Paulista, e outras que estão sendo reaproveitadas, como a de Aparecida, utilizada para fins culturais, e a de Bananal, que funciona como rodoviária, departamento de turismo e biblioteca municipal. O prefeito de Lorena já negociou com a Rede Ferroviária Federal e aguardava aprovação pela Câmara do projeto que autoriza a administração a comprar o imóvel. Guaratinguetá busca verba para transformação do prédio em área cultural.

Em Piquete, um grupo de artesão e artistas se organizou e, a exemplo de outras cidades da região, transformou, com o apoio da IMBEL, a "Estação da Estrella" , em "Estação das Artes". Lá, todos os sábados e domingos estarão expondo para venda seus trabalhos. A Estação das Artes, além de revitalizar esse importante marco arquitetônico do município recentemente restaurado pela IMBEL, passa a ser um novo ponto de encontros na cidade.

Enquanto isso, a população aguarda o empenho da municipalidade piquetense para que a estação ferroviária "Rodrigues Alves" seja restaurada, como vem ocorrendo nas cidades citadas na reportagem do ValeParaibano.

Visitantes na "Estação das Artes".

Foto arquivo Pro-Memória

A "Estação da Estrella", restaurada pela Imbel, em 1999.

Foto arquivo Pro-Memória

Trabalhos de artistas piquetenses expostos na "Estação das Artes".

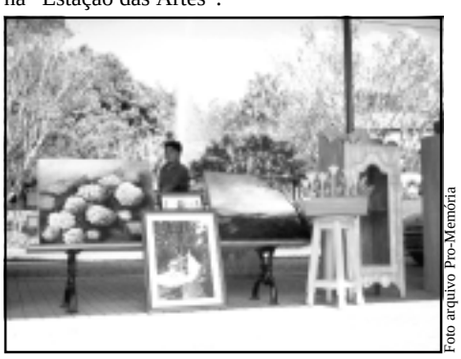


Foto arquivo Pro-Memória

Roupa nova desbotada

Éramos todas de branco. Fita amarela ao pescoço e a ingenuidade que só as crianças possuem. Desfilávamos, brancas, engomadas, feito soldados angélicos. Nas procissões, cantávamos. Nas vigílias, rezávamos. Primeiras sexta-feira do mês, missa e todas de uniforme. E o jejum que fazíamos aos domingos, para podermos, durante a Santa Missa, comungar! E quantos desmaios! Santa Missa rezada em latim, o padre de costas, como se quisesse esconder um grande mistério.

Pontuais, brancas, engomadas. Mas estas lembranças não são as únicas que ficaram de um cruzadinha que eu era. Eu me lembro, com saudades, que ao lado da igreja jogava-se queimada para se aquecer do frio, balançava-se em galhos de árvores arriscando-se uma queda mais grave. Além disso, os protestos, repreensões e castigos às mais levadas.

Começo de novembro: alvoroço – começavam as escolhas para os "atores" do presépio vivo. Era festa, algazarra; silêncio, quando exigido e muita concentração para decorar os papéis. Infatigavelmente, horas após horas, ensaiávamos. Ainda hoje, lembro-me de alguns "atores": Cidinha era São José; Áurea Lúcia, arauto do rei; Elisinha era um anjo; Emeli, Herodes; Dora Félix, o sumo sacerdote. Eu fui moço do templo, arauto, sumo sacerdote e soldado. Tão soldado em minhas estrepulias de criança que, num dos ensaios, de lança em punho, brincando nos degraus do altar, quebrei a asa de um dos anjos que guardavam o Tabernáculo.

Escrevendo sobre esses fatos, coloco-me dentro da velha Matriz de São Miguel. A Matriz que me ensinou as primeiras orações colocou-me junto à pessoas de quem aprendi a gostar. A igreja que era beleza, majestade e imperava sobre nossas cabecinhas. Ajoelhados ou sentados, estávamos sempre lendo nos bancos as placas que diziam "Lembrança de Tita Cardoso". Placas brancas com letras azuis. Como o azul do teto que estampava a majestosa imagem de São Miguel., vencedor sobre o dragão do mal. Maravilhosa imagem que me distraía nos momentos em que a missa – criança que eu era e sem nada entender do latim – se tornava monótona.

As paredes laterais, com as imagens da Via Crucis, tão antigas quanto a própria igreja. Quase perto do altar, as paredes se abriam em oratórios enormes para acolher as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora. No altar principal, os dois anjos, guardiães das promessas e mistérios de Deus.

E hoje é a Igreja das Almas. Pela proximidade que tem com o cemitério? Não sei. Nem atino com o porquê.

Que mãos, meu Deus, que olhos e que cabeças poderiam ter transformado assim a nossa matriz? Paredes sem cor, sem santos, estilizada. Chega a ser fria por dentro. Dos sinos que repicavam juntos ontem, restou um só – que chora e se lamenta. Tudo frio e impessoal. É certo, minha fé não residia nas formas e adornos do que foi a Matriz de São Miguel, mas as imagens que sobraram sentem-se frustradas. O modernismo da restauração, as cores que se fazem opacas, sem vida, gelam minhas imagens-recordações. Ao mesmo tempo que ergueram a nova Matriz, eu me sinto órfã de igreja. Sem nunca ter me desacostumado com a velha e sabendo que a nova nunca será como a outra. Pois as paredes, as escadarias da "outra" têm vida escondida, lembranças abafadas, memórias em sua suas antigas cores.

Que me perdoem os restauradores, mas chego a ficar triste, lembrando-me da velha Matriz. Vocês não a deixaram cair, é certo, mas deram-lhe, entre outras coisas, uma nova roupa desbotada. Só não mudou o velho latim de sua porta, que continua a nos dizer: "QUIS UT DEUS". **Eunice Ferreira**

Filhas de Maria, de Piquete. À direita, D. Mariquinhas, Presidente vitalícia da entidade.

Foto arquivo Pro-Memória

Vestígios

Velha senha, sinais
da cor de laranjeira, sabiá
antiga estrada da ribibeira
chão de areia
milho verde que ceifeia,
terras longas de chegar.

Lua cheia, pão de mel
campos em flor, céu
chuva e calor. Sem tempo,
coisas desta maneira.
Embrenham no peito
como festa de luz
nas brasas de lenha.

Não há mar, o horizonte
é sempre pensar. E de fronte,
à frente, é ter na mente
a eternamente transpor
até remanescer
e ficar.

Sérgio L. Maduro

Sol de Inverno

Estamos em pleno inverno!
É difícil cantar para o frio
quando chora a seiva amada.
Sopra impetuoso o vento
Levando as últimas pétalas
/machucadas.
Quase nus, os ramos
guardam silêncio.
Restam tão poucas flores
em mística fragilidade.
À noite galopa o frio,
na espera do aquecer.
O vinho, o fogo, a poesia
Embriagados cantam: Cantiga
/invernal.
O sol de inverno vai rolando no céu
/macio
como uma cabeça loira desmaiada
nas dobras de um ededron azul...
As folhas ainda guardam um pouco
/de verde
em suas veias cansadas, nos galhos
/resignados.
E consolam-se ao ver na sua sombra
o efeito que fazem sob o sol.
E eu penso com comovida piedade
No humanismo dessas árvores,
Na sua inconsciente semelhança
com certas vidas. Vidas que
precisam de um sol de inverno
para verem na sua derradeira
sombra projetada sobre a terra,
o que elas realmente significam.

Eunice Fernandes

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

ASTROCAP

Talvez muitos pensem que ASTROCAP seja nome de remédio ou de alguma vitamina. Outros talvez relacionem a palavra à Astronomia ou à Astrologia. Mas ASTROCAP não significa nada disso. Trata-se de uma sigla – Associação dos Tropeiros e Carreiros de Piquete.

A idéia brotou, bem pensada, da cabeça de Ademir Laureano de Souza, filho e neto de conceituados tropeiros e vaqueiros de Delfim Moreira – MG, ele mesmo ex-tropeiro, conhecedor da vida rústica à chuva, ao vento e ao sol inclemente, no trato paciente com burros e mulas.

Neste ano, por ocasião da Festa do Tropeiro e do Peão de Boiadeiro, os "astrocapenses" realizaram algumas atividades: desfile de tropas de mulas e carros-de-boi, e um suculento café caipira com a inauguração da "Casa do Tropeiro". Esta, de pau-a-pique, chão de terra batida, cobertura de sapé e revestimento de tabatinga, foi a atração cultual e pitoresca da festa.

Tudo nela exalava ruralismo. Alguns visitantes ex-moradores da roça emocionaram-se e choraram. Ouvi muitos dizerem – "Dá vontade de ficar morando aqui."

Nada de exagero, tudo certinho. Só faltou o cachorro vira-latas, uma hortinha e galinhas no quintal.

Tudo a transpirar pureza e simplicidade. O colchão de palha de milho, a colcha de retalhos, o indefectível urinol de ágata. O fogão a lenha, no fumeiro tripa, toucinho e carne seca. Um oratório de madeira e santos nas paredes. A talha de água, a moringa, o mancebo de madeira, a cuia, a gamela, a peneira, a lamparina, o embornal, a espingarda...

No quintal, a bica d'água, a fornalha, a engenhoca de cana, a arapuca e um carro de boi.

Nem a gaiola foi esquecida. Pendurada na janela da sala – o amarelinho do canário da terra.

No paiol, tudo disposto com ordem e capricho. Um mundo de coisas no chão e nas paredes: jacás, espigas de milho, abóboras maduras. Arreios, berrantes e laços... O salabardão, a chincha, o formigão, o surfete, o charrão...

Tudo levou-me à infância povoada de tropas-de-mula e carros-de-boi.

Tropas com lenha, carvão, candeia para moirões de cerca, jacás e bruacas recheados de frutas e frangos. A poeira de nossas ruas sem calçamento. A madrinha da tropa, solene e garbosa – o tilintar do cincerro, fitas coloridas.

Carros-de-boi cantantes, rangentes, morosos. O transporte de cana, lenha, mobília, tijolos e pedra. As festas do Quilombo e Embaú – a alegria dos piquetenses, as horas sonolentas ao embalo da música das rodas. A paisagem a desdobrar-se lentamente, as belezas saindo do inesperado.

Bois troncudos, bem ensinados. Bichos de estimação a atender pelos nomes, como se fossem gente.

Piquete teve os caminhos de sua história trilhados por esses carros-de-boi e essas tropas de mula. Agora vem a ASTROCAP com o objetivo de resgatar essa riqueza cultural e dá-la a conhecer às nossa crianças e jovens. Que Deus a ilumine e abençoe.

"Flashes" do desfile de Carros-de-boi de Piquete

Foto Alzira Beckmann

Foto Alzira Beckmann

Foto Alzira Beckmann

Foto Alzira Beckmann

Crônicas Pitorescas

...Pezinho pra trás

Palmyro Masiero

Diante dessa guerra editorial que inundou nosso mercado com livros sobre a história do Brasil – todos desejando mamar nas tetas dos 500 anos –, cada autor querendo acrescentar um dado a mais, leva-me a desconfiar do surgimento de algum detetive historiador querendo provar que quem descobriu o Brasil foi algum gajo qualquer chamado Manuel Joaquim. Ou outro a dizer que o achamento foi feito pela Internet. Sabem como é, numa guerra a primeira vítima é sempre a verdade.

Saindo dessa onda e furando outra, vamos cair numa guerra de verdade, com cheiro de pólvora; outros quinhentos: no livro escrito em 1932, especificamente sobre a Revolução Constitucionalista, Armando Brussolo, repórter de "A Gazeta", intitulado "Tudo pelo Brasil", vamos encontrar um tópico sobre sua estada em Piquete. A exageração do oba-oba, numa deslavada propaganda – justificável idealismo – também me deixa na descrença, com um pé atrás. Escreve num trecho o autor: "... As senhoras e senhoritas (de Piquete), então, são inexcedíveis em gentilezas. E todos, SEM EXCESSÃO, envergam encantadores blusões e "bibis" pardos..."

Esse "sem exceção" que grifei no texto não dá ao repórter uma condição de vidência extraordinária além de uma onisciência improvável? Vá ser força de expressão na casa do vizinho...

Mais um papo dele que coloco na britadeira é o que transcreverei a seguir. O jornalista encontrou-se com um homem simples, residente em um casebre de pau-a-pique num "montículo" entrouxado na Mantiqueira, travando o seguinte diálogo"

"– Quem é o dono desta casa? – pergunto (o Brussolo) a um velho preto que trabalha na terra com uma enxada."

"– Sou eu, sim, 'sinhorrr'."

"– Seu nome?."

"– Bendito de Abreu, sim 'sinhorrr'. 'Mais' me chama de 'Sinhô Véio'."

"– E, 'sinhô véio', os soldados não levaram suas 'penosas'?"

"– Não! 'sordados é bom'. Não tira; pede. E 'Sinhô Véio' não nega. Até 'conzinha' as galinhas. Tudo que é meu são deles."

"– E você não tem medo da revolução?"

"– 'Quar o que'! Eu gosto dos tiros. 'Stou costumado' "

"– E o que você pensa da revolução?"

"– Penso que os 'nosso' hão de 'vencê' logo..."

"Até no recesso das montanhas há um otimismo sadio pela causa Constitucionalista!"

Não sou tão radical quanto São Tomé e muito menos esfolador de fatos, mas como os mineiros ocuparam esse trecho da serra antes de serem expulsos pelos paulistas – que se apoderaram 'de dois canhões 75 e cerca de cinqüenta mil tiros' – esse 'os nosso' de que fala o 'Sinhô Véio' trata-se de quem? Os de cá ou os de lá? Não teria sido sagacidade de Benedito de Abreu em dar a mesma resposta para ambos os contendores?

Como saber? Também não sei que importância isso tem.

Piquete - discutindo as origens

Foto arquivo Pro-Memória

À esquerda, Major Carlos Ribeiro e à direita, o Cel. José Mariano Ribeiro da Silva, figuras exponenciais da história de Piquete.

A emancipação político-administrativa de Piquete foi comemorada em grande gala, nos seus 109 anos, com vários eventos, entre eles uma sessão solene na Câmara Municipal, um desfile cívico, missa em ação de graças na Matriz e culto na Igreja Evangélica Cristã.

Cumpre lembrar os nomes de alguns principais mentores do jubiloso ato da Emancipação. Entre eles, o Coronel José Mariano Ribeiro da Silva e o Major Joaquim Vieira Teixeira Pinto.

O Cel José Mariano Ribeiro da Silva era natural de Guaratinguetá. Foi vereador municipal em Lorena, de 1884 a 1886, e nos dois primeiros anos de legislatura, ocupou a cadeira de presidente. Foi também subdelegado de policia. Morador em Piquete, fez parte do 1º Conselho da Intendência. Era chefe prestigioso do Partido Republicano.

Primeiramente major, depois tenente-coronel, Joaquim Vieira Teixeira Pinto era natural de Itajubá, MG e falecido em Lorena em 15-02-1903. No antigo regime fez parte do Partido Conservador e no período monárquico, exerceu vários cargos eletivos, tendo sido presidente da Câmara, juiz de paz e suplente de Juiz Municipal. Fazendeiro em Piquete, fez representar cartograficamente o primeiro mapa conhecido de nosso território, cerca de 1872. Está documentado no Arquivo do Estado de São Paulo.

Na Câmara de Lorena, esses dois participantes ilustres batalharam necessidades do Bairro do Piquete, também chamado Arraial de São Miguel do Piquete. Esta última denominação era, no território das Minas, designação de povoamento ligado à exploração de ouro. De fato, buscava-se o metal precioso nas "grupiaras" e "faíscas" das encostas da Mantiqueira. Foi por isso que se instalou a Soledade de Itayuva e o caminho para se chegar a ela, razões da atração dos desbravadores e povoadores que geraram o caminho de Lázaro Fernandes, em 1741, o qual se articulava aos caminhos de Pindamonhangaba e era patrulhado pelo piquete de cavalaria do Registro, em 1765. São, portanto, ocorrências do século XVIII, quando o povoamento originário do Piquete se iniciou.

Também outro nome de importância no período foi, segundo Faustino César, em "Resenha Histórica de Lorena", o do Cel. Vicente Barreiros, natural de Minas Gerais, cidadão ilustrado e de educação esmerada, proprietário da fazenda Conceição, à margem esquerda do Paraíba, e grande incentivador da construção do ramal férreo Lorena-Benfica, que servia Piquete.

Seu nome foi consagrado na estação do referido ramal junto à linha demarcatória dos municípios de Lorena e Piquete, e hoje, uma Escola Municipal Rural de Lorena, aí localizada, tem seu nome referenciado como patrono.

Apresentando as divisas do Município de Lorena, em 1928, Faustino César cita que nos limites com Piquete, Lorena mantinha uma extensa área de invernada denominada Sertãozinho, de posse do major Carlos Ribeiro da Silva, e a fazenda do Campinho que foi do Conde de Moreira Lima.

Estendiam-se na margem esquerda do Paraíba, desde o eixo do vale até à ponte do Ribeirão do Ronco, na estrada de Minas Gerais. Esta estrada subia rio acima do Ronco até encontrar as divisas de Guaratinguetá. É por aí que passava o primitivo caminho de Lázaro Fernandes saindo do Campinho em demanda dos vales e platôs do lado ocidental balizado pelos Picos Focinho de Cão, Cabrito e Meia-Lua e os vales do Ronco, Fortaleza e Sertão.

Aproveitando as terras mais baixas da Tabuleta e os patamares da Areia Branca, foi possível instalar um Registro, em 1764, para controle e taxação de movimentos. Morador no Bairro do Ronco, depois no do Registro, Narciso Rodrigues, Provedor do mesmo Registro, comandava o piquete de Cavalaria, originário do nomeado núcleo que gerou o município que habitamos e que se emancipou a 15 de junho de 1891.

Casado com Rosa Jerônima Domingues, irmã do Capitão-mor da Vila de Lorena, Manuel Domingues Salgueiro, Narciso Rodrigues foi com outros membros do clã Domingues Salgueiro e Pereira de Castro, proprietário e um dos povoadores e fundadores dos núcleos originais de Piquete. Tinham eles posse de diversas fazendas componentes de um habitat linear disperso ao longo dos rios formadores e tributários da bacia do Ribeirão Piquete, por sua vez, afluente da margem esquerda do Paraíba.

Foi nessas fraldas da Mantiqueira, rumo Oeste, que o dito Capitão Manuel Domingues Salgueiro recebeu, em 21 de abril de 1798, uma sesmaria, "partindo" com a do falecido João de Villas-Boas Pereira. Dessa sesmaria expandiram-se as posses das terras citadas e fizeram-se os desbravamentos e povoamento. **Dóli de Castro Ferreira**

Museu Tropeiro

O ponto alto da 19ª Festa do Tropeiro de Piquete foi a casa de pau-a-pique construída no Recinto de Festas Miguel Purcino Ferreira. Sua inauguração aconteceu às 19h do dia 1º de julho e contou com a presença do Prefeito Municipal, Prof. Alaor Ferreira, outras autoridades e líderes da comunidade.

A população, em massa, afluiu até o local, ávida por descobrir como se vivia e ainda se vive na zona rural da região. Após a inauguração oficial, a casa assumiu o objetivo para o qual foi construída – verdadeiro museu ao ar livre que, de forma didática, resgata para os jovens nossas tradições e fortalece as raízes do piquetense.

Ao final da festa, milhares de pessoas a haviam visitado.

Fica aqui a sugestão de que as escolas do município levem seus alunos a visitá-la, para melhor conhecê-la e divulgá-la para os turistas que vêm a Piquete.

Campo dos Sonhos

Foto arquivo Pro-Memória

Teco-teco pousando no morro do cemitério, em Piquete. Foto de julho de 1950.

O morro acima do cemitério serviu de aeroporto para teco-tecos. Foi num domingo de julho de 1950, dia da decisão da copa do mundo de futebol. O Rio de Janeiro fervilhava em festas e Piquete, de manhã gostosa, brisa envolvente e sol ameno, esperava as aeronaves.

Na frente, chegaram os roncos dos motores e sobre o Santo Cruzeiro, rompendo o espaço, três teco-tecos surgiram, empolgantes, majestosos, serenos. Abanando as mãos, o povo sorria.

Para cumprimentar a cidade, os aviões dispersaram-se; cada piloto iniciou acrobacias incríveis: folhas-secas, "loopings", "reverses" e parafusos. Ninguém tirava os olhos do céu.

Um deles, numa grande trajetória, preparou-se para pousar. A barreira questionável era o muro que cercava o cemitério; transpondo-a, sestar-se-ia na pista. O vento dos motores rodopiou os galos da Matriz e o relógio marcou o fato.

Lá em cima, desfazendo-se dos óculos e arrumando os cabelos, com sorriso de vitória, Agenor Ferreira, o "Norinho", conseguiu a façanha. Seu sonho de rapazola fora realizado.

Com passeios panorâmicos, o dia foi festivo: os mais ousados conheceram a cidade, do alto. Voando, ratificaram a beleza da paisagem: o azulado da Mantiqueira, os cursos sinuosos dos rios e o verde dos campos.

A tristeza dos piquetenses em perder a copa do mundo foi suavizada com o estrondear dos monomotores dos teco-tecos. **Edival da Silva Castro**

Notas da Cidade

 A Fundação Christiano Rosa promoveu, no dia 16 de junho, mais uma sessão de cinema no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa". Desta vez, o filme apresentado foi "Joana D'Arc", do diretor Luc Besson.

A sessão ocorreu graças à **HYPER**, empresa do **Sr. Mariomar Adão da Silva**, que nos deu atenção e apoio total com seus equipamentos de som, vídeo e telão que, novamente, transformaram o Espaço Cultural numa verdadeira sala de cinema.

 O Colégio Objetivo realizou, durante a Festa do Tropeiro, uma pesquisa inédita: os alunos abordavam os turistas com perguntas pré-selecionadas que permitirão um levantamento do perfil do visitante de nossa cidade, nesse período.

 Aconteceram, durante o mês de junho e julho, em diversos bairros de Piquete, como na Caixa D'água, na Raia, na Limeira, na Vila Cel. Monte (atrás do antigo mercado), animadas festas juninas. Foram iniciativas da comunidade para a preservação de tradições já quase esquecidas. Parabéns!

 O talentoso piquetense Kiko Ribeiro foi premiado no 20º Salão de Artes Plásticas, do Corona Itatiaia Hotel, em Itatiaia-RJ, no dia 15 de julho, com a medalha de ouro na categoria escultura. Parabéns!

 A FCR promoveu, entre os dias 24 de junho e 09 de julho, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", uma exposição fotográfica sob o tema "Nos 500 anos do Brasil, uma breve história da Evangelização em Piquete". Com a participação dos membros de quase todas as Igrejas de nossa cidade, a exposição procurou mostrar o trabalho realizado pelas comunidades cristãs em nossa cidade, desde o início deste século.

 Vêm acontecendo, periodicamente, as reuniões da associação para o desenvolvimento do turismo em Piquete. Com a finalidade de alavancar o turismo em nossa cidade, a adesão de muitas pessoas vem sendo notada. A participação da comunidade, com idéias e sugestões para trabalho em parceria com os donos de pousadas, é a temática central do grupo.

As cidades e sua qualidade de vida

Nos meses de julho, agosto e setembro, abriremos espaço para apresentar as conclusões do Seminário "As Cidades e sua Qualidade de Vida", realizado em 18 de fevereiro, parceria da Faculdade de Engenharia Química de Lorena (FAENQUIL) com o Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV).

Painel 1 - Conclusões

Definição e Indicadores da Qualidade de Vida

1 - Apesar das variações em função dos locais, há uma constância: a Qualidade de Vida importa em respeito, integração na natureza e felicidade que decorre do entendimento mútuo.

2 - A Qualidade de Vida deve atingir a coletividade e não somente alguns indivíduos.

3 - O caminho mais lógico para se alcançar a Qualidade de Vida passa, certamente, pela Educação.

4 - O cidadão pode sair da passividade por meio do voto, provocando mudanças que propiciem uma vida melhor.

5 - É necessário resgatar os referenciais de boa Qualidade de Vida para que a ordem social seja direcionada para o desenvolvimento sustentado.

6 - A Educação Ambiental, que reforça o sentimento de cidadania, há que mobilizar não só as escolas, mas as instituições sociais em geral. **CC**

Lei nº 9.840 de 29-09-1999

Foi sancionada a Lei de Iniciativa popular que punirá com rigor o Candidato e o Eleitor que fizer "Barganha de Voto"

ART.1º – A Lei 9.504, de 30-09-1997, passa a vigorar acrescida do seguinte artigo:

"**ART. 41 – A** – Ressalvado o disposto no ART. 26 e seus incisos, constitui captação de sufrágio, vedada por esta Lei, "O Candidato doar, oferecer, prometer, ou entregar ao Eleitor, com o fim de obter-lhe o voto, bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive emprego ou Função Pública, desde o registro de candidatura até o dia da eleição, inclusive sob pena de multa de 1000 (mil) a 50.000(cinqüenta mil) UFIR, e cassação do registro e do diploma, observando o procedimento previsto no ART. 22 da Lei Complementar nº 64 de 19 de maio de 1990."

Esteja atento. Fiscalize. Denuncie!

O Voto e a escolha de seus representantes são um DIREITO do cidadão. Votar é um exercício de cidadania.

Ajude a moralizar o voto e a acabar com a corrupção eleitoral.

"Voto não tem preço, tem conseqüência!"